

Bardella: uma síntese do que pensam os brasileiros.

Anteontem, o empresário Cláudio Bardella sintetizou com rara felicidade o sentimento dos brasileiros. Disse que os atuais ministros da área econômica não são sérios; que tomam decisões atabalhoadas, sem dar a mínima satisfação à Nação; que negociam a própria política econômica com instituições do Exterior, sem ao menos dar ciência à opinião pública dos termos do acordo... e foi por aí afora.

Mais do que uma simples indignação por sentir-se lesado, acredito que Bardella externou uma profunda decepção e falta de confiança nos homens que conduzem a atual política econômica.

Ele não está reclamando apenas da falta de sinceridade, da desinformação, das táticas de desmistamento sobre tudo quanto vem-se passando nos últimos anos, neste País. Ele está reclamando também, e principalmente, da falta de uma verdadeira política de médio e de longo prazo, que seja capaz de dar alguma esperança que não seja aquela que se baseia nos chavões conhecidos: os de que o Brasil é um País do futuro, terra de muitos recursos, de gente hábil e criativa...

De fato, a verdade está sendo escondida da população. Até agora não vi um membro sequer do atual governo reconhecer, publicamente, que a situação a que chegamos se deve, antes de mais nada, à imprevisão, à incompetência administrativa, à irresponsabilidade com que se transformou todo o País num festival de grandes obras inequivocamente inviáveis e, mais do que isso, extemporâneas depois da eclosão dos dois choques do petróleo.

Insegurança

Mas, como dizia, não foi para reclamar um mea-culpa que Cláudio Bardella, outros empresários e a maioria da população vêm externando sua própria insatisfação e insegurança. O que falta é confiança na condução da economia:

As regras do jogo estão sujeitas a mudanças a qualquer momento; o depositante das cadernetas de poupança teme que o gover-

no, um belo dia, bloqueie sua conta; o contribuinte, de uma hora para outra, é forçado a pagar mais impostos, seja na forma de IOF, de Imposto de Renda, de Finsocial ou de triviais aumentos nos preços dos cigarros; o empresário não tem como planejar seus negócios, porque as taxas de juros são empurradas para cima com um simples telefonema do diretor de Dívida Pública do Banco Central; o trabalhador está perdendo emprego e salário; o mutuário do Sistema Financeiro da Habitação está pagando prestações cada vez mais altas e não tem idéia de quanto, afinal, vai ficar sua casa.

Falta a este País todo tipo de política: falta uma política energética, falta uma política agrícola, falta uma política industrial; falta uma política de emprego; falta uma política antiinflacionária; falta uma política mineral.

O que há é pura e simplesmente uma política fiscal, no sentido de que tudo é feito para aumentar a arrecadação de impostos. Até a política de preços administrados tem sido utilizada simplesmente para aumentar a receita do governo: é o que tem acontecido com os reajustes das tarifas de energia elétrica, dos telefones, dos combustíveis, dos cigarros (como ficou dito) e das bebidas alcoólicas. E a política monetária tem-se restringido a emitir moeda. Emissões de moedas são inflacionárias e, enquanto inflacionárias, vão diluindo o valor do dinheiro de propriedade. E a perda do valor do dinheiro não é outra coisa senão um novo imposto disfarçado.

Daí a frustração. O brasileiro não sabe, hoje, porque está precisando fazer tanto sacrifício e porque os homens que os dirigem, de Brasília, continuam repetindo que tudo está bem, que o País está crescendo e que a vida vai ficar cada vez melhor — quando o que se passa é exatamente o contrário: a economia está na iminência de entrar numa fase de brutal recessão.

Em suma, o brasileiro não consegue compreender que se possa errar tanto e esconder tanto os fatos mais notórios sem que alguém seja responsabilizado pelo que está aí.